

ENTREVISTA COM SCOTT SCHWENTER

*Ivo da Costa do Rosário
Sanderléia Roberta Longhin*

Recebido em: 31 out. 2017

Aprovado em: 15 nov. 2017

Scott Schwenter é docente de Linguística Hispânica, ligado ao Departamento de Espanhol e Português da *The Ohio State University*, nos Estados Unidos. Suas pesquisas concentram-se na sociolinguística variacionista e nos estudos em Pragmática. Trabalha com questões gramaticais baseadas em *corpora* e utiliza análise estatística multivariada de padrões de larga escala em diferentes variedades de espanhol e português.

Schwenter interessa-se principalmente pelo tema do condicionamento contextual das variáveis linguísticas. Uma de suas questões de pesquisa é por que os falantes optam por expressar conteúdos de uma determinada maneira quando se deparam com múltiplas opções para transmitir o mesmo conteúdo. Seu trabalho mais recente centra-se nos sistemas pronominais do espanhol e do português e também na negação nas línguas românicas em geral.

1. No âmbito da combinação de orações, estudos relativamente recentes, em perspectiva translinguística, evidenciam as limitações de um viés exclusivamente sintático e argumentam em favor de simetrias e assimetrias de ordem cognitivo-pragmáticas. Em sua opinião, quais são os elementos de Pragmática que, fundamentalmente, podem contribuir com essas pesquisas?

Acho que a metodologia da Pragmática tem muito para contribuir. Embora estejam associados mais à sintaxe, os testes de aceitabilidade são uma ferramenta essencial para a Pragmática e, na minha opinião, não são utilizados com suficiente frequência nos estudos sobre a conexão e a coordenação. Pelo menos na tradição anglo-americana, sempre houve

muito pouca mistura entre essas abordagens, e os pesquisadores que não utilizam dados de *corpus* também nunca inventariam um exemplo para fazer teste, enquanto os que trabalham com exemplos inventados também nunca tocariam os dados de um *corpus*. Eu acho que a Pragmática proporciona a possibilidade de integrarmos esses métodos, e também os experimentais, para entendermos melhor a combinação de orações, tanto na produção quanto na interpretação.

2. Como interpretar a interseção entre a variação linguística sincrônica e a perspectiva da gramaticalização?

Eu diria que essa intersecção ainda não é suficientemente explorada! Parte do problema na gramaticalização, até hoje, é que umas das abordagens mais influentes, a de Heine, foi desenvolvida utilizando dados de línguas africanas, as quais necessariamente carecem de documentos históricos. O que tiveram de fazer Heine e seus colegas? Tiveram de reconstruir a história dessas línguas utilizando dados comparados, não havia outra opção! Mas isso levou a um grande problema que ainda persiste: muitas suposições sobre como deve ter sido a diacronia são baseadas nos dados sincrônicos. Agora que temos mais acesso à diacronia pelos *corpora* disponíveis, sabemos que em muitos casos as mudanças não seguem os caminhos “modelo”. A minha orientadora no doutorado, Elizabeth Traugott, grande especialista em linguística histórica, sempre alertou para o perigo de reconstruir a gramaticalização sem dados diacrônicos, mas penso que ainda há pesquisadores que não dão atenção suficiente a essa questão. No lado positivo, considero que a melhor contribuição do estudo da variação linguística sincrônica é que ela permite ver os passos pequenos das mudanças com muita nitidez e assim fornece uma “linha de base” para as comparações entre línguas e dialetos.

3. Como a Sociolinguística Variacionista tem atuado no campo da conexão de orações nos dias de hoje? É possível citar alguns resultados de pesquisa nessa área?

Eu conheço pouco! Quanto à coordenação, acho que seria muito difícil pelo fato de as variantes (entre elas a falta de conectivo) serem tão diferentes em termos semântico-pragmáticos. O maior problema seria a operacionalização das variáveis independentes a serem codificadas. Para as subordinadas há mais pesquisas, por exemplo, na realização das subordinadas nominais e relativas em inglês. Sobre esse tema, Torres Cacoullós e Walker publicaram, em 2009, um artigo na revista *Language* sobre a variação entre as formas explícitas (e.g. *that*) e a opção nula, que introduz a cláusula subordinada. Também vi recentemente um trabalho sobre a mesma questão para o espanhol, em que a queda do complementador *que* é típica de estilos escritos formais (e.g. *Espero tengas un lindo día*). Parece-me que há muito mais para fazer nesse âmbito!

4. As pesquisas em gramaticalização têm sofrido forte influência de outras correntes teóricas, especialmente da Linguística Cognitiva. Esse diálogo entre teorias tem sido promissor?

Até certo ponto, eu acho que tem sido promissor, mas também depende se falamos de Linguística Cognitiva com letra maiúscula, na tradição langackeriana, ou de linguística cognitiva com letra minúscula, que é uma abordagem muito mais ampla. No primeiro caso, penso que, se uma pessoa não foi “criada” na teoria, é muito difícil entendê-la e aplicá-la aos fenômenos linguísticos, porque, na verdade, é como uma outra língua. No segundo caso, fora da terminologia e aparato teórico da Linguística Cognitiva, acho que o diálogo entre teorias tem sido promissor, nos trabalhos de pesquisadores como Bybee (que foi minha orientadora no mestrado) e Croft (que também fez o doutorado na Stanford, como eu). No entanto, ainda vejo o problema, já mencionado acima, de que, às vezes, o trabalho diacrônico, que é fundamental, fica faltando, e as conclusões sobre as mudanças são fracas e sem apoio empírico nos dados históricos.

5. Como você avalia os refinamentos nos métodos de investigação científica proporcionados pela constituição de grandes corpora eletrônicos, com controle qualitativo e quantitativo dos tipos de interação verbal, aliada às análises estatísticas?

Sem exagerar, acredito que os grandes *corpora* mudaram TUDO para muitos de nós, pesquisadores! Para linguistas como eu, interessados na variação gramatical, muitas vezes os fenômenos morfossintáticos que queremos pesquisar são muito raros fora de certos estilos (só para tomar um exemplo da minha própria pesquisa, a dupla negação, é difícil encontrar em *corpus* de jornal ou língua escrita mais formal). Portanto, precisávamos do acesso aos grandes *corpora* de língua falada, com milhões e milhões de palavras, para podermos recolher suficientes ocorrências dos fenômenos de interesse. No lado qualitativo, o acesso aos *corpora* tem sido de muitíssimo valor, porque agora temos a possibilidade de analisar os fenômenos inseridos em contextos discursivos, ajudando, assim, na identificação das propriedades contextuais que são importantes quando comparamos variantes morfossintáticas. Então, o quantitativo também fica mais fácil de acessar, porque nos dá a oportunidade e a possibilidade de criar hipóteses a serem codificadas com essas mesmas informações contextuais. Obviamente, essa possibilidade já leva a uma outra, que é a de realizarmos análises estatísticas mais completas e confiáveis. Infelizmente, muitos dos estudos variacionistas padeciam do problema de poucos dados. Agora, pelo menos, existe a possibilidade de evitar essa questão, embora ainda haja fenômenos que continuem sendo difíceis de pesquisar por causa de sua raridade.

6. Nos modelos diacrônicos de mudança semântica, há polêmicas em torno da natureza das entidades pragmáticas envolvidas (pressupostos e tipos de implicaturas) e da definição dos papéis dos usuários da língua no processo. Por outro lado, há consenso sobre a importância dos contextos para a compreensão da motivação e das trajetórias de mudança. Qual é sua posição sobre entidades pragmáticas, papel dos usuários e peso dos contextos?

Muito difícil essa pergunta! Trabalhei muito essas questões durante algum tempo, mas, ultimamente, não tem sido foco de minha pesquisa. Porém, acho que precisamos pensar muito mais no papel do ouvinte e nos processos que eles têm de empregar na compreensão. Publiquei um artigo com Richard Waltereit sobre isso, em 2010, no qual argumentamos que a

acomodação de pressupostos tem uma importância na mudança semântico-pragmática que, até agora, não tem sido reconhecida, e ainda acho que essa posição é relevante. O problema que sempre teremos nesse tipo de pesquisa é a necessidade de interpretar os enunciados contextualizados a partir de nossa perspectiva na atualidade. Embora saibamos que o contexto era outro, é impossível não impormos as nossas hipóteses sobre os dados. Dito isto, há trabalhos, agora, que estão mudando completamente o nosso entendimento das entidades (eu diria processos) pragmáticas: o trabalho de Tonhauser *et al.* (2013), na *Language*, é um artigo fundamental que mostra claramente que a nossa categorização dos significados implícitos é muito mais complexa do que havíamos pensado. Quanto ao peso do contexto, eu não acho que mude no tempo! Os ouvintes sempre utilizaram as mesmas estratégias para incorporar os elementos do contexto no processo de interpretação, e os falantes sempre souberam disso. O problema que eu vejo, como pesquisador de pragmática, é que ainda não há suficiente indagação sobre a separação entre o contextual e o codificado, e muitas pesquisas atribuem significados aos elementos linguísticos quando, na realidade, esses significados são sustentados por elementos do contexto. Infelizmente, ainda não sei resolver essa dificuldade, mas, no meu artigo de 2016 ('Meaning and interaction in Spanish independent *sí-clauses*', na *Language Sciences* 58: 22-34), tentei proporcionar um modelo para este tipo de análise.

7. Os conectivos têm um lugar privilegiado no debate acerca da fronteira entre semântica e pragmática. Abordagens pragmáticas evidenciam que, além do significado conceitual, os conectivos têm uma natureza intrinsecamente procedural, e que a fronteira entre os significados conceitual e procedural é flexível no tempo. Que novas perspectivas essa linha de investigação pode trazer para compreensão dos conectivos?

Que eu saiba, a distinção entre os significados conceitual e procedural remonta ao trabalho de Diane Blakemore durante os últimos anos da década de 1980. É uma distinção que já mostrou ser muito útil para a

nossa compreensão dos tipos de significados, especialmente no âmbito dos conectivos. É verdade que a fronteira entre esses significados é flexível. Em minha opinião, as pesquisas demoram muito para reconhecer que as formas linguísticas podem mostrar propriedades dos dois tipos ao mesmo tempo. Na Teoria da Relevância, uma teoria estritamente sincrônica, na qual Blakemore desenvolveu as suas pesquisas, a presença dos dois tipos de significado era muito difícil de ser aceita, mas para examinar a mudança nos conectivos no tempo foi necessário assumir não apenas que a fronteira entre o significado conceitual e procedural era flexível, mas também que há um movimento unidirecional de conceitual → procedural. Acho que é nesse sentido que esses significados contribuem para a compreensão dos conectivos. No entanto, o meu entendimento é de que a distinção conceitual-procedural é ortogonal à fronteira entre semântica e pragmática, já que, na Teoria da Relevância, os dois tipos de significado se encontram no lado codificado e, portanto, semântico. Talvez seja necessário questionarmos mais essa suposição no futuro, seguindo as linhas já mencionadas na minha resposta à pergunta anterior.

Referências

- SCHWENTER, S. Meaning and interaction in Spanish independent si-clauses. *Language Sciences*, 58: 22–34, 2016.
- TONHAUSER, J. *et al.* 2013. Toward a taxonomy of projective content. *Language* 89: 66 -109, 2013.
- TORRES CACOULLOS, R.; WALKER, J. A. The present of the English future: grammatical variation and collocations in discourse. *Language* 85: 321-54, 2009.